

Vamos tomar banho de chuva?

E começava tudo de novo. Corriam para o pátio, vai chover! Corre, pega jornal! Faziam barquinhos de papel e, quando o escoadouro d'água ficava cheio, botavam o barquinho para navegar. Olha, esse vai para a Europa! Vai não! Vai para Paris, fui eu que fiz, eu que escolho! E os mais velhos, que já estavam a par de alguma geografia, caíam na gargalhada: Ô burro, Paris é na Europa! Vamos tomar banho de chuva? E, já tirando as roupas: Vó, pode tomar banho de chuva? Tão de corpo suado? Pode não! Naiá, acode aqui, eles querem ir pra chuva. Êta, meninos levados!, falava a boa vó. Mãe, já estão na chuva, gritava a tia Naiá, sai Flavinha, Ana, acode aqui, Menino, vou te pegar, vem danado, Mamãe, eles não querem sair, Eu não vou pegar

vocês porque já enrolei meu cabelo pra de noite, Ô Ana, acode! E a chuva caía, e as crianças junto, todas deitadas no chão, tomando o banho de chuva melhor do mundo. O proibido! E ao mesmo tempo consentido, já que a casa inteira tinha ciência do fato e nada acontecia... Coisa boa, melhor não há!

Agora chega, pra dentro. Mas vó, a chuva parou! É mesmo. Ana, troca a roupa dos meninos, põe roupa seca, e lá iam eles para o quarto, enfileirados, tiritando, dedinhos enrugados, Ô Ana, dá a toalha, tô com frio! Agora né, seu danado! Merecia ficar aí tremendo, igual chama de vela, vem, vem secá, põe os braços, sai, vem ocê agora, Santa Ana ia vestindo um a um, roupa quentinha, cheirando a alfazema da boa vó! Ô vó, tem balinha de mel, Pega vó, pega vó, Dá vó, agora já era um coro inteiro pedindo, Toma, toma, vão brincar lá fora, vão esperar seu avô. Só na frente de casa, viu? E já estavam lá no fim da rua correndo, instruídos e guiados por Pedrinho, o mais velho, chefe do bando, afinal alguma hierarquia tinha de haver!

Olha lá o vovô! Vovô, vovô, corriam todos para beijar o avô que aparecia lá longe, no início da Rua da Boa

Vista. O avô, pasta de couro na mão, o saco de ovinhos coloridos recheados de chocolate na outra. Vô, trouxe bala? Só depois do jantar, sentenciava sério o avô, que ia oferecendo o rosto para o bando beijar, um a um. Ficaram direito hoje? Vou perguntar a Eurídice. E sério olhava para o rostinho culpado da gangue, que a essa altura já havia, pela expressão homicida, confessado os inúmeros crimes e delitos do dia. Iam mudos, cabeça baixa, olhos cravados no chão, contritos como se fossem receber a primeira comunhão, corredor adentro. O avô sério na frente, chegava na sala de visitas, pendurava o chapéu no chapeleiro, guardava a pasta e chamava: Eurídice, cheguei, e lá vinha a vó, avental, cabelo grisalho, bochechuda, rosto calmo, dar boa-noite para o marido Floriano. Como foi o dia? Alguma novidade? O rapaz da loja de fazendas trouxe a peça que você encomendou? E depois das inúmeras notícias do pequeno mundo deles, vinha a última e pior pergunta, todos mudos como se tivessem decepado as próprias línguas, mais quietos do que a estátua do Marechal Deodoro da praça da Igreja: Como é que eles se comportaram hoje? E a vó olhava os netos, mal os reconhecia tão compun-

gidos, inertes, e lembrava, rindo por dentro, da sinfonia dos bumbuns, da gritaria na chuva, da confusão da hora do lanche, e pensava, meu Deus, eles são a alegria da minha vida, meus netos adorados, e proferia a sentença muito calma para o marido: Bem, Floriano, muito bem! Boa vó, todos soltavam a respiração e voltavam a se mexer, lentamente, até o avô dizer, Que bom, assim é que eu gosto, vamos jantar, chame os meninos para a mesa. E vinham os tios, as tias, corriam as crianças. A comadre hoje veio também, tia Flora chegou, bem na hora.

Canja, sururu e galinha

Hoje tem canja, e sururu e galinha. E começava tudo de novo! Vó, eu quero a coxa, Eu também, eu também, Eu também vó, nossa! Quantas coxas essa galinha tem? Vó, tem que comprar uma galinha com mais coxas, e a vó ria, a boa, santa vó Eurídice!

Depois do jantar, com a presença do avô, a casa e seus pequenos habitantes passavam por uma metamorfose. Todos de roupa limpa, lavadas as mãos, penteados, pegavam as cadeiras e colocavam na calçada. Ficavam pegando “a fresca da noite”, conversando com os vizinhos, que iam e vinham, casais de noivos abraçados, namorados lado a lado, só se seguravam pela mão quando o namoro já era sabido e consentido pelos pais da moça, grupos de amigas, crianças calmas de olho no olho do

pai, era assim, as senhoras conversavam, trocavam receitas de bolos, doces caseiros, pratos de que os maridos gostavam. A vizinha da quarta casa ligava a vitrola e botava um disco. A rua emudecia grata por aquele milagre tecnológico e todos ouviam a música mágica que saía de uma caixa e de uma bolacha preta que girava dentro. Depois, o ritmo normal da calçada ressurgia, alguns iam à sorveteria da praça, copo e colher na mão, e vinham saboreando seus sorvetes, economizando nas colheradas. Sorvetes de pitanga, graviola, mangaba, manga, maracujá, creme.